

# O USO DE IMAGENS COMO RECURSOS E TÉCNICAS DIDÁTICAS EM AULAS COMO ALTERNATIVA PARA UM APRENDIZADO MAIS DINÂMICO

SANTOS, Luana C. M. dos<sup>1</sup>  
TORRENTES, José Vinicius Gouveia<sup>2</sup>

## RESUMO

O presente trabalho comporta a teoria do que é semiótica, quais os momentos que pode se oportunizar esta forma dinâmica de trabalho, e qual sua importância para o processo de ensino-aprendizagem. Esta pesquisa também abarca metodologias a serem adotadas com este instrumento de ensino. A proposta conclui-se a campo, diagnosticando descasos com o ensino da disciplina de história, devido a falha de não se adotar novas alternativas para o ensino. Fez-se um duelo entre as metodologias mostrando a eficácia que tem o uso de imagens no ensino, esta análise pode ser feita e comparada com a aplicação de um projeto em turmas de quinto ano na rede municipal de ensino, que como instrumento utilizou-se o gênero propaganda, fazendo uma reflexão sobre as ideologias impostas nesta modalidade textual, com objetivo de desenvolver a cidadania consciente.

**PALAVRAS-CHAVE:** Semiótica, iconografia, metodologias e propagandas.

## USE OF IMAGES AS RESOURCES AND TECHNIQUES IN TEACHING LESSONS AS AN ALTERNATIVE FOR A MORE DYNAMIC LEARNING

### ABSTRACT:

This work involves the theory of what is semiotics, which moments that can create opportunities this dynamic way of working, and what is its importance to the teaching-learning process. It is research also includes methodologies to be adopted with this teaching tool. The proposal concludes the field, diagnosing Negligence towards teaching the discipline of history, due to failure of not adopting new alternatives for teaching. There was a duel between the methodologies showing the effectiveness that has the use of images in teaching, this analysis can be made and compared with the implementation of a project in the fifth year classes in public schools, which was used as a tool propaganda genre, making a reflection on the imposed ideologies in this textual mode, in order to develop the conscious citizenship.

**KEYWORDS:** Semiotics, iconography, methodologies and advertisements.

## 1. INTRODUÇÃO

O trabalho a seguir possibilita refletir sobre o trabalho docente e suas alternativas de ensino. A partir de uma pesquisa teórica e de experiência incluímos neste trabalho questões sobre a metodologia com o uso de imagens, em específico o uso de propagandas, aplicamos a teoria em sala de quintos anos da rede pública de educação, e finalizamos o trabalho com uma comparação positiva da influência de se trabalhar com imagens.

## 2. REFLEXÕES SOBRE O ESPAÇO DA SALA DE AULA

A pesquisa realizada envolve vários níveis de ensino, estes conceituando e relatando experiências com a semiótica em sala. O primeiro nível que faço a análise é a Educação à Distância (EAD), este compactuando com tecnologias, consequentemente com uso fluente da semiótica.

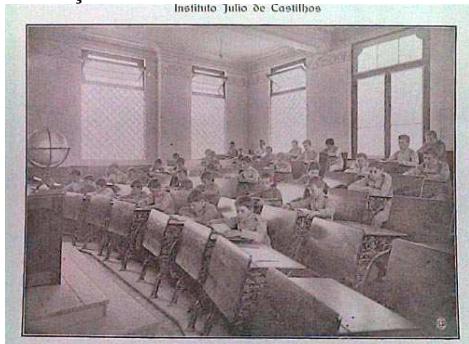
A iniciativa de aprimorar metodologias no ensino requer uma análise histórica das salas de aula, de sua estrutura e das posturas dos atores (alunos/professores) diante do ambiente onde é mediado (como se espera) o conhecimento. Deve ser realizada uma reflexão das imagens de salas de aula relacionando com os papéis do professor e aluno. Segundo Matte (2009) ao se tratar da semiótica no tempo da educação à distância essa análise reflete numa compreensão das diferentes formas de ensino, podendo assim classificar, e defender o ensino a distância.

O professor é um ator ocupando o papel de destinatário, estas funções disposta pela forma empregada a organização das salas de aula. Cronologicamente, a primeira imagem a ser analisada é o tablado, este afirma a hierarquia do professor sobre os alunos.

<sup>1</sup> Aluna da Faculdade Assis Gurgacz

<sup>2</sup> Professor da Faculdade Assis Gurgacz

Ilustração 1: Foto de sala de aula do instituto Julio de Castilhos, disponível no acervo do Museu da UFRGS.



Fonte: URL:<http://www8.ufrgs.br/acervofoto/imagens/Rg208.jpg>

O ambiente da sala de aula, mais especificamente a frontal destinada ao professor é estereotipada, pelo fato de que historicamente construímos um conceito dos papéis professor/aluno, que se hoje há dinamismo no ensino desvalorizamos não reconhecendo o objetivo da metodologia utilizada.

Segundo Matte (2009), o conforto é importante como mostram as imagens de auditório, mas este continua empregando o autoritarismo semelhante ao tablado.

Ilustração 2: Um auditório- FAG



Fonte: URL: <http://www.jogosabertos.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=2379>

Com aulas online respeitando a pluralidade, pois pode ser realizada no melhor horário para cada um. Sendo que o uso de fóruns pode ser realizado discussões e minimizado a hierarquia. Em contrapartida essas aulas diminuem o conhecimento recíproco pela falta de contato físico.

Litz (2013) faz uma reflexão sobre a imagem, levando em consideração em maior relevância o ensino de História.

O uso das imagens se tornaram fundamentais sendo um instrumento efetivo no ensino de história, este caminho compreende o cinema, fotografia, história em quadrinhos, charges e artes plásticas. Segundo Berger (1997), o olhar chega antes da palavra.

O princípio é mostrar aos alunos que existem outras formas além da tradicional para a interação dos conhecimentos. Ao utilizar as imagens não deve abandonar o objetivo de usá-las como forma de conhecimento e aprendizado, se bem explorada pode ser fonte de informação.

No ensino de história, as imagens significam interpretação e conhecimento dos períodos da história, além de facilitar a compreensão de determinados momentos deixando menos abstrato, dando maior significado. O presente artigo propõe métodos com o uso da imagem, com determinados conteúdos de história.

### **3. CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO PELO ALUNO**

O conhecimento depende das relações construídas na escola e da interação do professor e aluno com conteúdos repassados ou trocados de cunho científico. O importante não é o acúmulo de informação, mas ter um olhar crítico e formar seus próprios conceitos.

A história tem como objetivo promover a verbalização e a escrita dos conteúdos estudados fazendo sempre uma análise da realidade relacionando o presente com o passado. As imagens são formas de estímulos quando proporcionadas corretamente as informações têm um significado maior para o aluno.

O importante da história não é estudar o passado pelo passado, mas fazer uma reflexão das contribuições e avanços de uma determinada época para a atualidade.

É por meio da educação que se forma a consciência e a criticidade, e estas só são possíveis ao reconhecer-se como cidadão inclusivo e responsável da sociedade em que vive.

O ensino de história busca a compreensão dos acontecimentos no tempo sendo irrelevante o espaço. O historiador deve se basear a uma série de fontes que podem ser os documentos oficiais notícias na imprensa, história oral, uso de imagens, de artefatos e das mídias atualizadas.

Somente em meados do século XX, os livros ilustrados ganharam uma significativa maior. Atualmente este é um dos principais recursos que podem ser divididos em: Vídeo documentário, cinema, pintura, fotografia, música, mapa, internet, histórias em quadrinhos, arquitetura, softwares, entre outros.

#### **4. A IMAGEM NA SALA DE AULA**

A história tem interagindo com outras ciências, se interdisciplinarizando os conteúdos, mas o uso de iconografia ainda é abandonado. Utilizar novos materiais é sinônimo de motivação, a ideia não é abandonar as demais ferramentas, mas também conciliar as imagens para que o ensino seja estimulado e mais interessante.

Para adotar esta didática o professor deve conhecer as características das obras, os artistas, autores, técnicas utilizadas, período histórico. Nenhum documento é neutro. Como qualquer outro documento nada é absoluta verdade, nem sempre fiel a realidade, depende da interpretação e do ponto de vista de cada um.

Para perceber os significados das imagens, deve ser feita reflexões sobre o contexto social, temporal e espacial. Realizar uma leitura crítica, para perceber as reais intenções, quando foi produzido, sua finalidade, significados e valores. Só podemos ensinar aquilo que realmente conhecemos.

Durante o processo de introdução da disciplina de história no Brasil deparamos com diversas finalidades ao ensino e certamente de métodos lógicos adotadas em determinados períodos.

O uso do livro didático é o foco a ser analisado devido às possibilidades iconográficas em sua estrutura. Segundo Moimaz (1998) o livro didático é um suporte para relacionar as imagens ao processo evolutivo, depende do mediador que faz o uso do deste, e saber incorporar sabiamente em suas aulas, sem proporcionar o conteúdo pronto e sim construir paulatinamente. Ao selecionar o material “Livro” como apoio em sala cabe averiguar se somente há textos escritos ou se possui material visual.

“No século XX valorizou – se o uso de imagens em sala, porém os livros publicados ainda eram fracos em iconografia da realidade de negros e índios brasileiros. As imagens eram meramente ilustrativas ao texto escrito, era evitada interpretação incorreta por parte do leitor. Desde a década de 80 o uso das imagens teve uma valorização que se tornaram documento e fonte história escolar.” (MOIMAZ (1998, p. 123)

Segundo Cardoso e Vainfas (1997, p. 402),

De lá para cá, tanto a noção de documento quanto a de texto continuaram ampliar-se. Agora, todos os vestígios do passado são considerados matéria para o historiador. Desta forma, novos textos, tais como a pintura, o cinema, a fotografia etc., foram incluídos no elenco de fontes dignas de fazer parte da história e passíveis de leitura por parte do historiador.

“Na sociedade as imagens tiveram e ainda buscam um objetivo em forma de: Propaganda, informação, aspectos religiosos ou ideológicos. Essas imagens podem receber diferentes interpretações de quem as vê, pode variar de acordo com o momento histórico em que esta exposta essa imagem.”

Segundo Aumont (1993, p. 37) podemos atribuir três valores a imagem em sua relação com o real: 1 valor – De representação, 2 valor – De símbolo, 3 valor – De signo. Segundo o mesmo autor a imagem pode estabelecer relação com o mundo através do modo simbólico, modo epistêmico e modo estético.”

O reconhecimento é o momento em que reconhece algo na imagem, relaciona ou identifica o significado ou objetivo da imagem. (SIMAN, 2004). O uso da imagem é antigo, a imagem alegórica foi uma prática muito usada, esta recria, inventa a partir da observação do mundo. Existem várias imagens de um determinado acontecimento, cada um registrado a partir da observação do autor ou de um estereótipo.

A partir de 1890 a imagem predominante foi à analógica ou fotográfica, é um reflexo dos fatos mais atual utilizasse imagem objeto (fotogramas), imagem efeito (planos televisivos) e imagens projeto (computacionais ou virtuais) estas dependendo de sua produção podem alterar nosso modo de ver a imagem.

Segundo a autora há um encontro crítico entre a cultura e a tecnologia. Com meios facilitados, muitas vezes não há o contato com obras originais e sim a reprodução a partir de meios tecnológicos.

Ao fazer uso das imagens faz-se necessário conhecer o autor data e local. Segundo Burke (2004) alguns esboços desenhados a partir de cenas reais da vida são mais confiáveis do que pinturas trabalhadoras posteriormente no estúdio do artista.

A maioria das imagens não foi criada para uso de historiadores, seus criadores tinham suas próprias mensagens. A interpretação dessas mensagens é conhecida como iconografia ou iconologia. A iconologia se preocupa em estabelecer parâmetros e métodos para decodificar os sentidos originais da imagem, a iconologia inserção numa visão de mundo de que ela servia sintoma.

Existem três níveis de interpretação ao analisar uma imagem.

1º - É a descrição pré – iconográfica voltada para o significado natural, consistindo na identificação de objetos e eventos.

2º - Análise iconográfica, voltando para o significado convencional (reconhecer os eventos).

3º - Interpretação iconológica, voltando para o significado intrínseco, ou seja, princípios que revelam a atitude.

Há críticas quanto ao uso da semiótica argumentando que estas influenciam em uma única interpretação, deixando um único ponto de vista sobre tal fato. Cada pintor apresenta seus olhares sobre a sociedade por isso é necessário analisá-la dentro de um contexto cultural, político, material, incluindo os interesses do artista e a pretendida função da imagem.

O uso da imagem permite analisar o conteúdo da obra e o contexto social de sua produção, o profissional da área da história pode trabalhar a imagem como documento, é necessário antes ter um objetivo a ser alcançado conhecer o instrumento adotado, escolher comparando com os outros, e sempre estabelecer relações com fatos de cada época.

O professor ao adotar como instrumento o material visual encontra algumas dificuldades, uma delas é a falta de acesso a obras originais, o aluno não pode analisar a materialidade da obra.

A semiótica estuda os signos (linguagem verbal e não – verbal), a linguagem verbal pode ser oral ou escrita, a não verbal se manifesta pelas expressões do corpo humano (olhar, gesto), por gráficos, imagens, números e sons.”

Conforme Santaella (2000, p. 159), apud Ramos 2009.

O signo é algo que, de um certo modo e numa certa medida, intentar e representar, quer dizer, estar para, tornar presente alguma outra coisa, diferente dele, seu objeto, produzindo, como fruto dessa relação de referência, um efeito numa mente potencial ou real.

De acordo com a semiótica peirceana para compreendermos a tela precisamos levar em conta três níveis: a primeiridade a percepção dos seres que compõe a obra, a secundade relacionar os seres a nativos e portugueses, estes levam a interpretação dos fatos que é a terceiridade, ou seja, percebe que se trata do Descobrimento do Brasil.

São diferentes tipos de estrutura de raciocínio ou argumento, mas “[...] só há três e não mais do que três tipos de estrutura de raciocínio ou argumento: a dedução, a indução e a abdução, correspondendo à terceiridade, secundade e primeiridade, respectivamente (SANTAELLA, 2000, p. 164 apud Ramos 2009).

O leitor pode não alcançar a terceiridade, este deve conhecer o momento histórico em que a obra foi produzida, desta forma poderá ter acesso às intenções do autor de sua ideologia. Para estudar as pinturas dentro de um contexto, primeiramente é ideal conhecer como a organização da sociedade se encontrava na época.

Segundo Burke (2005), existe três formas de enxergar o passado: 1º – “representação épica “ações heróicas, enobrecedor ou idealizador. O 2º se aproxima de tragédia como guerras, o 3º realista discreta e não heróica, a 4º “histórica crítica “faz críticas a determinados assuntos”, a 5º “estilo anedotal preocupa-se com momentos privados de figuras públicas”. O 6º “história como alegoria “faz paralelos entre o presente e o passado.

A imagem como documento pode contribuir para construção do conhecimento, para a elaboração da narrativa histórica e formação de consciência histórica. A partir de um estudo científico, a pesquisa sobre a semiótica em sala foi a campo, para registrar a partir de experiências reais com alunos do ensino fundamental de uma escola pública do interior do Paraná.

No primeiro momento foi enviado a cada aluno 20 questões para serem respondidos para melhor conhecer os alunos, social e economicamente, pois cada um é um ser individual que vive em realidades distintas.

O trabalho foi realizado com duas turmas de Ensino Fundamental, 5º B e C. Como a realidade em que o aluno está inserido interfere em sua aprendizagem deve-se levar em conta a análise do resultado do questionário preenchido pelos ambos os grupos.

Percebeu-se com as respostas do questionário socioeconômico que ambas as turmas estão inseridas a mesma realidade social e econômica. Há o mesmo nível em várias questões, até mesmo ao percentual de reprovação, de hábito de leitura, entre outras atividades de lazer.

A escola está localizada no centro da cidade, onde abarca alunos vindos do interior do município. Pode-se se dizer que esses alunos têm acesso a informações advindas de vários meios, inclusive tecnológicos, porém sem seleção do que se apropriar destas.

Deixa-se claro aqui que as turmas questionadas fazem parte de uma parcela social que não se cultua uma responsabilidade educacional, no geral dos alunos está área é considerada extra, não obrigatória. Diagnosticou-se a partir do questionário famílias pobres, desestruturadas em várias questões, e pouco estímulo no que rege o desenvolvimento intelectual, crítico e criativo.

As imagens que foram utilizadas para desenvolver o trabalho semiótico foram às propagandas. Um cuidado, portanto, a levar em conta nesse trabalho é o de ultrapassar os meros limites de uma educação para o “Trabalho e Consumo” (conforme os PCNs), ou seja, da formação de um consumidor que zela pelos seus direitos para que o sistema funcione “corretamente”. Transcender esse aspecto é ter clareza de que a educação não pode estar limitada à adaptação ao educando ao mundo tal como ele é, mas contribuir para que as razões profundas das “coisas como estão” sejam

vislumbradas e interpretadas, bem como para que haja possibilidade de pensar alternativas, pensar este que parte da idéia essencialmente histórica de que o pensamento se debruça sobre o mundo tal como está, e não tal como é.

Dada peça publicitária estudada pode ser pensada a partir da experiência de cada um, observando como a publicidade disputa as estruturas já existentes de necessidades e como ela cria outras necessidades; como, enfim, isso se relaciona com o mundo da produção e da dominação de classes.

A busca é por refletir sobre a construção histórica do próprio sujeito e das relações intersubjetivas. Esse tipo de atividade pode contribuir, enfim, para o processo de retomada do sujeito que se perdeu em meio à subjetivação dos objetos típica do capitalismo. É a abordagem dos materiais publicitários buscando a decifração do apelo à adesão a determinadas ideias e formas de pensar a sociedade, mais que do apelo à compra de produtos e serviços (ou, ainda, subjacente a esse apelo). Se toda mensagem é o encontro de um nível de expressão (ou significante) e um nível de conteúdo (ou significado), uma sentença publicitária contém na verdade duas mensagens, cuja forte imbricação constitui a especialidade da linguagem publicitária (BARTHES, 1994).

A “primeira” mensagem é constituída pela sentença literalmente, simplesmente traduzida dos sinais gráficos que são as letras, a decifração dos códigos lingüísticos. Essa mensagem não inclui ainda todo o pensamento e a cultura de quem usou esse código, suas metáforas e significados que se superpõem e se sedimentam sobre os fonemas, palavras e expressões. A “segunda” mensagem é uma mensagem total, e deriva sua totalidade do caráter singular do seu significado (este significado é único e sempre o mesmo, em todas as mensagens publicitárias: a excelência do produto anunciado). Quando este significado segundo é percebido, a meta publicitária é atingida. Essas mensagens se relacionam de forma especial: no ato de propaganda, a primeira mensagem torna-se apenas a significante da segunda mensagem. Nesse contexto, o fenômeno de “conotação” é de grande importância, indo além do fenômeno da publicidade em si, ligando-se provavelmente à própria essência da comunicação de massa, da qual não recebemos nada além de mensagens conotadas.

O que é mais importante nesse trabalho de leitura analítica, que pode ser feito coletivamente no ambiente educacional, é desenvolver um leitor crítico, que deve substituir o espectador passivo e que acabará depois por surpreender-se defendendo práticas e portando convicções, cuja origem não conhece, não sabe quando, onde e nem porque estão fazendo parte da sua bagagem. Se isso chega a ocorrer, uma centelha de razão é lançada: o que se fará com ela é uma pergunta cuja resposta se constrói coletiva e pacientemente.

Solicitou-se que os alunos de uma turma 5º C recolhessem textos e imagens de propagandas que circundam seu meio. De acordo com a análise do questionário sócio econômico já se pode ter uma prévia dos tipos de propagandas que circulam em casa familiar, e com que tipo de material estaria à disposição das aulas.

Com as propagandas podemos analisar o objetivo, as estratégias e ideologias que estariam impostas em cada texto em particular. A maior parte dos textos foram retirados de revistas e sites publicitários. As propagandas no geral apresentavam produtos alimentícios, de beleza e brinquedos.

Os alunos em sua maior parte conseguiram compreender a relação da propaganda com o consumismo. De certa forma estabeleceram conceitos que poderão ser observados ao se deparar com propagandas, poderão discernir o que é necessário, ilusão e alienação.

Após terminarmos as reflexões acerca das imagens, os alunos assistiram a um vídeo/história do “Lolo Barnabé” esta história exerce uma forte ideologia acerca do consumismo, das comodidades do mundo moderno, que facilitou muito a vida das pessoas, mas que também as afastou de tudo que pode fazer bem, o fato de que quanto mais as pessoas têm mais querem ter, e mais trabalham para poder consumir.

Com os alunos do 5º B o trabalho foi realizado de forma diferenciada, realizou-se a leitura de um texto que expunha como assunto principal a relação das propagandas com o consumismo. Através deste texto foi refletido sobre a influência da mídia na transmissão de ideologias, tendo um descontrole do consumismo.

Para analisar a compreensão dos alunos acerca do que foi discutido, foi respondido um questionário sobre o que foi trabalhado, a partir deste realizamos uma análise das questões, duelando as metodologias utilizadas em cada turma.

Com o texto o trabalho foi mais direcionado, devido a linguagem verbal já se deu uma posição do mediador acerca do tema, não possibilitou uma opinião inversa da que estava exposta no texto. As questões foram respondidas mais objetivas e semelhantes ao discurso do texto, sem opiniões ou conceitos, alguns alunos afirmaram não conhecer o gênero propaganda, algumas respostas foram vazias sem sentidos, descontextualizadas.

Com as propagandas, linguagem imagética trabalhados com uma das turmas proporcionou uma posição por parte dos alunos, pois foi lançado os anúncios e os alunos fizeram a interpretação, algumas respostas os alunos colocaram sobre as questões ideológicas lançadas, porém embora o reconhecimento das questões do consumismo ao se deparar com uma propaganda os alunos admitiram se sentirem atraídos pelos bens. Os alunos desta turma colocaram através das aulas expositivas que as propagandas despertam um lado das pessoas que agem irracionalmente e que algumas vezes causam conflitos familiares. Admitiram estratégias desonestas por parte das empresas ao tentarem vender seus produtos.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Percebeu-se com a pesquisa que é imprescindível o uso de diferentes fontes históricas para estudo. Estas tornam o processo de ensino prazeroso e de forma concreta. Para isso os professores devem estar constantemente se atualizando, e buscando alternativas para ter um ensino prazeroso e de qualidade, as tecnologias estão cada vez mais inclusas na Educação, facilitando os meios por qual se conquista a aprendizagem.

A propaganda constituiu uma maneira de ver e dizer, constituir conceitos para construção da narrativa e compreensão dos conteúdos, os professores devem reconhecer a importância desse material para possibilitar um maior contato dos alunos com esse tipo de documento e que proporcione a aprendizagem dos conteúdos.

## **REFERÊNCIAS**

AUMONT, Jacques. **A imagem**. trad. ABREU, Estela dos Santos. SP: Papirus, 1993. p. 77 – 255.

BURKE, Peter. **Testemunha Ocular: História e Imagem**. São Paulo: EDUSC, 2004.

CARDOSO, Ciro Flamarion S.; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Domínios da História**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CUMMING, Robert. **Para entender a arte**. São Paulo: Ática, 1995.

Governo do Estado do Paraná. **Secretaria Estadual de Educação / Paraná Esporte**, 2008. Disponível em: <<http://www.jogosabertos.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=2379>> Acesso em 10 jun. 2014.

LITZ, V. G. **Citação de referência e documentos eletrônicos**. Disponível em <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1402-6.pdf>> Acesso em: 10 set. 2013.

MATTE, Ana Cristina Fricke. **Análise Semiótica da Sala de Aula no Tempo da EAD**. RevistaTecnologias na Educação, v. 1, p. pal3, 2009

Ministério da Cultura. **Projeto Portinari**. Disponível em: <<http://www.portinari.org.br/#/acervo/obra/2735>> Acesso em: 16 set. 2014.

SIMAN, Lana Mara de Castro. **O papel dos mediadores culturais e da ação mediadora do professor no processo de construção do conhecimento histórico pelos alunos**. In: ZARTH, Paulo A. e outros (orgs.). Ensino de História e Educação. Ijuí:Ed. INIJIÚ, 2004. p. 81 – 107

Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas  
**Programa de Pós-Graduação em História Social, 2009**. Disponível em: <<http://www.uel.br/pos/mesthis/arqtxt/disonline/dissertaERICARMOIMAZMESTHIS.pdf>> Acesso em: 16 set. 2014.